

Governo argentino (e até a CGT) apóia o Brasil

Ao anunciar a suspensão do pagamento de juros da dívida externa brasileira, o presidente José Sarney causou comoção na Argentina. E quem primeiro soube da notícia foi o presidente Raúl Alfonsín, que na manhã de sexta-feira conversou pelo telefone com Sarney, horas antes do anúncio oficial da decisão. Depois Alfonsín trocou idéias com seu ministro da Economia, Juan Sourrouille, que então telefonou a Dílson Funaro, da Fazenda.

Quase simultaneamente ao pronunciamento de Sarney, o secretário argentino da Fazenda, Má-

rio Brodershon, endureceu a posição de seu país e se tornou o canal expressamente escolhido por Alfonsín para prestar solidariedade ativa ao Brasil. E a poderosa Confederação Geral do Trabalho (CGT) já anunciou seu apoio ao presidente do Brasil.

Já os círculos dos analistas econômicos explicam que os bancos privados credores vinham tomando precauções desde 1982 para amortecer o impacto de moratórias unilaterais: reforçando seus ativos realizáveis. Se o Brasil, a Argentina e o México decidissem hoje não pagar a dívida, o fato não provoca-

ria a quebra de qualquer dos 10 bancos mais poderosos dos EUA. Quatro anos atrás, os cinco maiores bancos iriam à falência.

Hoje, Brodershon chega a Brasília para trocar idéias sobre a dívida externa. Chega também preocupado com a desvalorização do cruzado e com as exportações argentinas. E, uma vez que o governo de Buenos Aires tem problemas concretos e urgentes, deve colaborar com o Brasil por meio da solidariedade política e econômica.

**Hugo Martinez,
de Buenos Aires**